

NEWSPAPER DIRECCIONAL AVEIRO VISEU  
COUNTRY - PORTUGAL  
DATE - 94/08/31

## Lurdes Pintasilgo propõe reorganização da ONU

A solução para as questões em causa na Conferência do Cairo sobre população e desenvolvimento passa por uma «reorganização total» da ONU, defendeu a ex-Primeira-Ministra portuguesa Maria de Lurdes Pintasilgo.

A afirmação foi feita por Lurdes Pintasilgo, presidente da Comissão Internacional de População e Qualidade de Vida, em entrevista publicada na última edição da revista «Veja», de São Paulo, com data de 31 de Agosto.

Segundo Pintasilgo, a ONU, construída há 50 anos tendo por base as nações, não deverá menosprezar o peso actual das sociedades civis, pelo que poderia ter uma estrutura tripartida em que representantes das nações, do que se poderia chamar «o saber» (economistas, cientistas...) e «as organizações múltiplas da sociedade civil» debateriam as grandes questões do plano mundial.

Um dos «problemas básicos» da ONU é, em sua opinião, o da aplicação das resoluções produtivas das conferências que promove: «Existem declarações, resoluções a que os

Estados aderem, que eles mesmos votam por unanimidade, mas não há aplicação da letra».

Na entrevista, a ex-Primeira-Ministra portuguesa pronunciou-se ainda sobre o confronto entre o Vaticano e as Nações Unidas relativamente ao aborto e ao controlo da natalidade, considerando que «o verdadeiro conflito reside entre os que buscam o progresso sem modificar o modelo económico populacional à luz de alternativas económicas possíveis e viáveis».

Pintasilgo manifestou concordância com a crítica feita pela Igreja Católica ao documento de preparação da Conferência do Cairo por não tratar «suficientemente» das transformações no plano económico e social vinculadas aos temas população e desenvolvimento.

Na capital egípcia, segundo ela, encontrar-se-ão dois mundos: o de «profissionais, que priorizam o aspecto do crescimento por ser um factor sobre o qual o homem pode ter controlo», e o que «sustentará que população, desenvolvimento e meio ambiente estão

interligados e que se quisermos actuar sobre um desses factores, temos de encarar, primeiro, as questões económicas e sociais».

Em sua opinião, os «representantes dos países» não estão «preparados para equacionar o desenvolvimento como um modo de garantir à população mundial a qualidade de vida a que um ser humano poder aspirar».